

## RESENHA

### META

Apresentar a resenha e suas particularidades enquanto gênero textual;  
Mostrar procedimentos adequados à elaboração da resenha;  
Propor atividades de produção de resumos.

### OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:  
utilizar alguns procedimentos próprios da produção de resenha na sua produção de textos.

### PRÉ-REQUISITOS

Conhecimento sobre tipos textuais e sequências, domínio de estratégias de coesão. Conhecimento da norma de referência ABNT.



ABNT.  
(Fonte: <http://3.bp.blogspot.com>).

## INTRODUÇÃO

A atividade de resenhar ou de apresentar de maneira concisa informações que possam interessar a um público específico funciona não apenas para se ter conhecimento de uma obra ou pesquisa científica, mas também para divulgar evento, uma feira de livros ou um lançamento de um CD. A resenha é um gênero, assim como o resumo, que circula também no espaço acadêmico e por essa razão há diferentes modelos de resenha.

A resenha é diferente do resumo, porque sua natureza é mais opinativa. Na resenha, além do resumo da obra, outros elementos constituem a sua estrutura: o juízo valorativo, o comentário e a crítica. O resenhista deve apresentar as súmulas do conteúdo, mas sobre tudo deve tecer considerações e críticas sobre o trabalho científico ou artístico em foco. Deve analisar a estrutura do texto, assim como a importância do trabalho, mas não deve fugir da responsabilidade de apontar também os defeitos, caso haja.

É sempre bom lembrar que ainda na perspectiva da enunciação, os interlocutores devem ter claro o objetivo da resenha. Distinguir se a resenha é uma tarefa acadêmica, sujeita a avaliação ou se será veiculada em jornais ou revistas com fins comerciais. Diferentes propósitos acarretam diferentes apropriações lingüísticas. Assim, a linguagem acadêmica tenderá mais a ser formal, do que uma resenha de um filme destinado a crianças e adolescentes.



Resenha.  
(Fonte: <http://1.bp.blogspot.com>).

## A RESENHA

A resenha acadêmica é definida na norma criada pela Associação Brasileira de Normas Técnicas NRB 6022 como o mesmo que resumo crítico. Segundo GOMES, F. G.; LOSE, A. D. (2007, p.75)

Ela é produzida por especialistas e apresenta a análise crítica de um documento. Desta forma, diferentemente dos demais tipos de resumo, a resenha permite a exposição de comentários e opiniões, por meio dos quais são acrescidos juízos de valor ao resumo do texto lido.

A resenha deve conter os dados do autor do texto que está sendo resenhado. Quem é ele, em que área atua, sua formação, sua produção literária, científica ou qualquer outra; as referências teóricas utilizadas pelo autor, a sua produção e sua prática. Deve conter o resumo do conteúdo do livro ou artigo, além de informações a respeito do que trata o livro, qual a sua proposta central, qual o referencial teórico – em que conhecimentos científicos, históricos ou estatísticos estão fundamentadas as idéias; a linguagem utilizada – adequação aos propósitos, clareza, objetividade, como está organizado: introdução, corpo, conclusão, capítulos ou partes etc.

O plano global de uma resenha acadêmica – prototípica - segundo MACHADO, Anna R. M.; LOUSADA, Eliane; ABREU-TARDELLI (2004) encontra-se no quadro abaixo:

Livro resenhado	
Autor do livro	
Contextualização do livro	
Tema do livro	
Autor da resenha	
Área em que se insere o resenhista	
Veículo em que ela foi publicada	
Livros citados nas referências bibliográficas	
avaliação	
Referências a outros autores ...	

Vamos procurar identificar estes aspectos na resenha a seguir:

Resenha : DANTAS, Francisco J.C. Os desvalidos. São Paulo: Companhia das Letras, p. 221, 1993.

Livro resenhado/autor do livro

Comentários e julgamentos do resenhista

Fica difícil falar de um livro depois que a melhor crítica já se manifestou a seu respeito.

Informações sobre o autor.

Francisco Dantas, que em 1992 já obtivera os maiores elogios ao publicar *Coivara da Memória*, reaparece em 1993 com *Os desvalidos*. Como professor de literatura da Universidade Federal de Sergipe, sempre demonstrou grande rigor analítico em seus estudos e é esse rigor que encontramos agora em sua prosa.

Contextualização do livro/caracterização da obra, do estilo do autor.

*Os desvalidos*, em relação a *Coivara*, apresenta algumas diferenças fundamentais, como a frase incisiva, curta, de ritmo cadente, além de uma precisão a toda prova. Cada palavra está ali como se colocada a dedo. Sem os parágrafos longos e a frase sinuosa do seu primeiro romance (o que não constitui defeito mas exigência dos princípios de verossimilhança), este segundo romance pega o leitor pela palavra cheia de sugestões sonoras, buscada na fala regional a que o autor dá um tratamento refinado. A recorrência ao discurso indireto livre é a forma que ele encontra para não perder o controle sobre a fala das personagens e não cair no regionalismo fácil. Mesmo que o leitor desconheça as corruptelas do linguajar do interior sergipano (linforme/uniforme, librininha/neblininha), é atraído pelos detalhes sensoriais que tais palavras sugerem. O fundo oral sob a vigilância implacável do narrador é o grande veio onde Francisco Dantas vai fundar sua narrativa.

Resumo do livro.

O romance começa com um grito: “Lampiãããã morreeeu!...”. Coriolano, a personagem central, não acredita que chegou a hora de se libertar do medo que o tomou há alguns anos. Agora ele pode voltar para o Aribé a fim de cuidar do seu pedacinho de terra, embora saiba que ali não brotará nada. O grito estremece “em rebate pegando a boca do peito” de Coriolano, que fica durante alguns instantes sem acreditar na morte do “zarolho rei enfuriado”. Quando digere a notícia, percebe que é apenas um fracassado. Não foi bem Lampião que o tangeu para aquele destino de pária social. Mas prefere acreditar que agora tudo vai ser diferente em sua vida: “Viva Deus, que enfim posso outra vez enfrentar o meu destino!”

Daí em diante desenrola-se a epopéia ao inverso dos desvalidos. Além de Coriolano, lá estão o tio Felipe, Maria Melona, Zerramo e o próprio Lampião. Pouco a pouco, vamos nos dando conta de que desvalido é todo um povo abandonado. É toda uma região que parece estar próxima do fim. Um dos resultados do trabalho com a linguagem neste romance é que a gente lê a história passada há seis décadas como se fosse hoje. Remoendo o passado (o que o levou a ficar em Rio-das-

Paridas) e o projeto futuro (seu retorno ao Aribé), Coriolano quer ter a cesso às causas da ruína. Não consegue.

O trabalho de Francisco Dantas com a personagem vai pouco a pouco apagando o tempo histórico e em seu lugar se insinua o tempo mítico das tragédias, ao colocar problemas que até hoje permanecem insolúveis. É a tragédia nordestina que surge em sua contemporaneidade. Coriolano, neste sentido, tem algo de herói trágico porque inocente do peso que se abate sobre si, incapaz de compreendê-lo. Várias vezes ele se pergunta por que tanta desgraça. Começa pelo próprio corpo, o aleijão que carrega desde menino, depois a erisipela que lhe come a perna, e termina com a derrocada econômica porque não conseguiu acompanhar a mudança dos tempos. “Por que diabo será que esses caprichos afrontosos e tão declarados não pegam em gente mal-procedida, em bodegueiro safado, e só prejudicam mesmo quem tem algum

engenho por dom, ou vive a cuidar de sua arte? Negocinho invocado!” O que acontece a ele e aos outros foge ao seu entendimento. Sempre a procura de algo que justifique o demantelo de sua vida, ele diz mais adiante: “ Bem que naquela ocasião podia ter ficado, atendendo ao rogo daquele que o gerara. Mas não! Fora descaridoso com o próprio pai! E partira sim, para se desobrigar dos encargos de filho de pobre que o velho aqui lhe reservava.”

A culpa se avoluma cada vez mais porque ele não tem as chaves para vê-la com clareza. As personagens de *Os desvalidos* vivem numa eterna mobilidade, tangidas por um destino que é antes culpa de uma estrutura social que algo inerente ao homem. Todos gostariam de ter vivido de outra forma. Até lampião tem seu momento reflexivo e acha que “ a vida só presta mesmo quando a gente tem Fe de arranjar um lugarzinho decente, de ajeitado sossego, e um lote de finas mercadorias para guarnecer de verdade a mulher que se quer bem!”. Chega um instante em que o cansaço do tempo vai se apoderando de todos eles.

E o tempo é o grande personagem deste romance. É ele que agrava a miséria física e financeira do rebotalhos, transformando-os em sobras, sobreviventes de uma região que o Brasil parece ter definitivamente esquecido.

Coriolano lembra as palavras do pai: “o tempo é uma esparrela”. O fracasso de sua vida ele percebe quando, “tendo chocado sem fazer filho, e já agora um ovo indez, vitalino de potência encruada”. Você que não tem tempo para fazer mais nada. Virou “um mamoeiro macho”, “um pé de pau peço, bichado”. Como alma penada, ele se arras-

Temática – relação com temas das tragédias

Comentários e julgamentos do resenhista  
O resenhista é escritor e ex-professor de literatura da UFS.

ta pela noite de Rio-das-Paridas sem solução para suas indagações existenciais. A infelicidade que carrega por não ter mão sobre seu destino nem também as condições para entendê-la se agrava quando se encontra com o tio Felipe nos momentos finais do romance. Os dois juntos são duas desgraças ambulantes. “Chegou com tal indignação, com a cabeça em algodão tão fofa e variada” que ninguém o reconheceu. Mais uma das peças pregadas pelo tempo. O tio Felipe, que fora de posses, está ali diante de Coriolano, mais desgraçado do que nunca. “Destino, minha gente, ninguém governa!” o leitor sabe que não é bem assim, mas as personagens não. Daí a dimensão trágica alcançada por Francisco Dantas ao retomar o tema tão difícil do cangaço, num momento em que a literatura brasileira se bandeou de vez para o urbano com personagens vazias de densidade psicológica. Antonio Carlos Viana – resenha publicada na Revista de Literatura Brasileira no.12/ano 7/ 1994

Para GOMES e LOSER, “a resenha apresenta dois movimentos básicos: a descrição ou o resumo da obra e os comentários do produtor da resenha” (idem, p.23). Para realizá-los, autor e leitor recorrem a estratégias discursivas - enunciativas ou modos enunciativos (narração, descrição, exposição...) conhecidos e partilhados. Enquanto leitor, você deve identificar estes dois movimentos na resenha que você acabou de ler e preencher o quadro abaixo:

Trechos descritivos/ resumidores da obra	Trechos de comentários

### RELAÇÕES INTERTEXTUAIS.

Além do contexto, a leitura deve considerar que um texto pode ser produto de relações com outros textos. Essa referência e retomada constante de textos anteriores recebe o nome de intertextualidade. Os procedimentos intertextuais mais comuns são: paráfrase, paródia e estilização.

## ATIVIDADES

1. Selecione juntamente com seu professor três resenhas de diferentes autores e preencha o quadro abaixo. Atenção: procure identificar cada texto como um número ou letra para não confundir as informações.



	Resumo do objeto ou tema	Opinião/avaliação/apreciação do autor do texto sobre o objeto.
Texto 1		
Texto 2		
Texto 3		
Texto 4		

2. Leia a resenha de João Bosco Medeiros (op. cit) do livro *Desvendando os segredos do texto* de Ingedore G. Villaça.

Ingedore G. Villaça Koch oferece a seu público leitor mais uma obra que trata de texto e linguagem: *Desvendando os segredos do texto*, de 168 páginas, publicado em 2002 pela Editora Cortez, de São Paulo. A obra é composta de duas partes e 11 capítulos, assim distribuídos: Concepções de língua, sujeito, texto e sentido; Texto e contexto; Aspectos sociocognitivos do processamento textual; Os segredos do discurso; Texto e hipertexto; A referenciação; A progressão referencial; a anáfora indireta; A concordância associativa; A progressão textual: os articuladores textuais. Finalmente, em epílogo, apresenta “Linguística textual: quo vadis?” Em *Desvendando os segredos do texto*, a professora Ingedore baseia-se em pesquisas recentes que desenvolve no Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp.

O objeto da professora Ingedore é a reflexão sobre a construção textual dos sentidos. Ela que sempre se ocupou da Linguística Textual, examina, neste livro, as atividades de referenciação, as estratégias de progressão textual, os processos inferenciais envolvidos no processamento dos diferentes tipos de anáfora, os recursos de progressão e manutenção temática, de progressão e continuidade tópica e o funcionamento dos articuladores textuais. Assim, ocupa-se da articulação entre os dois grandes movimentos cognitivo-discursivos de retroação e avanço contínuos que orientam a construção da trama textual. (...)

Você acha que falta algo a esta resenha? Dê-lhe continuidade.

1. Leia a resenha a seguir e procure identificar os sé traços característicos. Em que ela se distingue da resenha científica? Procure mais informações sobre a resenha jornalística e faça um quadro comparativo de traços que pertencem a uma e a outra.

## CONCLUSÃO

Como a resenha é produto de uma apreciação, a avaliação da obra deve conter comentários a respeito da contribuição da obra, a quem ela se destina, sua utilidade, comparação com outras obras com quem estabelece um diálogo e um balanço das contribuições críticas.



## RESUMO

A resenha é, além de um relato minucioso das propriedades de um texto, um trabalho que exige conhecimento sobre o assunto que está sendo resenhado. Ela combina resumo e julgamento da obra e tem como principal objetivo oferecer informações para que o leitor possa decidir quanto a consulta ou não do texto original.



## PRÓXIMA AULA

Você terá contato com o gênero artigo científico.

## REFERENCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 6028: resumos: apresentação. Rio de Janeiro. 2003a.

GOMES, Henriette F.; LOSE, Alicia D. **Documentos científicos**: orientação para elaboração de trabalhos acadêmicos. Salvador: Edições São Bento, 2007.

MACHADO, Anna R. M, LOUSADA, Eliane; ABREU-TARDELLI, Eliane S. **Resumo**. 7 ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MACHADO, Anna R. M, LOUSADA, Eliane; ABREU-TARDELLI, Eliane S. **Resenha**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

MEDEIROS, João Bosco. **Redação científica**. São Paulo: Editora Atlas, 2008.

SERAFINI, Maria Teresa. **Como se faz um trabalho escolar**: da escolha de um tema à composição do texto. Lisboa: Presença, 1986.

\_\_\_\_\_. **Como escrever textos**. Rio de Janeiro: Globo, 1987.

VANOY, Francis. **Usos de linguagem**: problemas e técnicas na produção oral e escrita. São Paulo: Martins Fontes, 1985.